



somos  **coop**

# O Campo

Edição 29 • março | abril • 2019

 **Coopermota**

**Mala Direta  
Básica**

Contrato: 2017  
CNPJ 46844338/0001-20 / SE/SPI

**Coopermota Cooperativa  
Agroindustrial**



Correios

## GADO BEM MANEJADO, RESULTADOS AMPLIADOS



Mulheres no campo:  
vantagens da integração  
lavoura e pecuária



Cuidados no controle  
de percevejos para  
evitar a resistência

COOPERATIVA DOS CA...ORES DA MÉDI...  
A FÉ MOT...  
Marca Registrada



NOVAMCP

COOPE

**HÁ 60 ANOS,  
A FORÇA DA NOSSA TERRA  
É A NOSSA MARCA.**

No dia 17 de maio comemoramos 60 anos de história. Uma história construída com a força de milhares de cooperados, que se tornam ainda mais fortes unidos nos valores da nossa cooperativa, que não mede esforços para trazer cada vez mais inovação e sustentabilidade para os negócios e interesses de todos.

 **Coopermota**

**JUNTOS  
SOMOS A FORÇA  
DA NOSSA TERRA**



Para inaugurar este ano especial, apresentamos o nosso selo comemorativo.

Uma marca que transmite nossa essência do campo, história e evolução para o futuro.

Pois inovação, determinação e união são as principais marcas da Coopermota.

**É por isso que Juntos,  
Somos a Força da Nossa Terra.**

## BOAS PRÁTICAS, BONS RESULTADOS

Chuva, estiagem, alta temperatura, pastagem, nutrição, vacinação, planejamento e uma série de outros temas fazem parte da agenda de atividades de grande parte dos entrevistados da revista O Campo, nesta edição. Todos buscam alternativas para implantar a melhor condução possível da propriedade, de forma a atingir o máximo potencial de rentabilidade de suas atividades. A adoção do sistema de semi-confinamento e a redução da mão-de-obra de terceiros para a cria, recria e engorda do gado Nelore, por exemplo, já mostra bons resultados na Fazenda Santa Maria, em Paraguaçu Paulista. Sob orientação dos profissionais da Coopermota, Ênio Ambrósio coloca em prática o planejamento do pecuarista José Oscar de Siqueira, proprietário da fazenda, para a migração a este sistema de produção do gado, ainda de forma gradativa.

O período seco também é preocupação dos agricultores que atuam no desenvolvimento de grãos. Neste momento de colheita e planejamento da cultura do milho de segunda safra, as iniciativas de manejo de pragas e doenças realizadas no início da safra anterior fazem a diferença e podem ser percebidas nos resultados de rentabilidade.

Além disso, neste mês de março, dedicado ao Dia Internacional das Mulheres, a revista O Campo não poderia deixar de trazer a história da agricultora Cláudia Padovan para fazer homenagem e incentivo às demais, trata-se da realidade de uma agricultora em representação às demais. Sabemos que o setor é ocupado majoritariamente por homens, com poucas mulheres em cargos de chefia, principalmente, mas já podemos comemorar alguns avanços conquistados. Aos poucos as diferenças vêm sendo minimizadas, graças à insistência e à garra destas mulheres que enfrentam os desafios do mercado e da sociedade em geral. A revista O Campo parabeniza as mulheres pela história de mudanças que vêm sendo obtidas.

Em Teodoro Sampaio, retratamos a disposição dos agricultores daquela região em torno de capacitação e busca por informações que os auxiliem na produção da lavoura e da pecuária. A chuva já se estendia por dois dias, porém cerca de 400 produtores ainda se dispuseram a visitar a 1ª edição do CampoCooper realizado naquele município. Durante o evento, o prefeito destacou a importância da cooperativa para a cidade e se dispôs a trabalhar em parceria com a Coopermota para esta e demais iniciativas que venham a ser implantadas na cidade.

Diante de tantas notícias positivas, nas editoriais finais da revista destacamos a aprovação dos cooperados quanto às medidas que vêm sendo adotadas pela Coopermota. A Assembleia Ordinária aprovou as contas e as propostas de ações para os próximos meses. E para que estas ações sejam vindouras e perenes, a Coopermota se engaja há vários anos no projeto desenvolvido pelo Sescop/SP em parceria com as cooperativas do estado, o Cooperjovem. Desta vez a atuação será em Assis, junto às escolas de tempo integral do município. Com educação voltada aos professores, o programa difunde o conceito do cooperativismo e da cooperatividade para que estes sejam difundidos entre os alunos e a comunidade como um todo.

Tenha uma boa leitura!!

**Vanessa Zandonade**

Editora

### ▲ Expediente

EDIÇÃO, REPORTAGENS,  
FOTOS E REVISÃO  
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP

COLABOROU  
Bruna Reis  
Gabielli Burgarelli

ARTE E DIAGRAMAÇÃO  
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO  
Magraf

ANÚNCIOS  
Departamento de Comunicação Coopermota  
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL  
Guerreiro Agromarketing - Maringá  
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO  
Av. da Saudade, 85  
Cândido Mota - SP  
ocampo@coopermota.com.br

 **Coopermota**

PRESIDENTE  
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE  
Antônio de Oliveira Rocha

TIRAGEM  
3000 exemplares

 **somos coop**

## GRÃOS DE QUALIDADE

Estamos finalizando mais uma safra de soja, ainda na expectativa em relação aos números conclusivos da colheita. Passamos por um período de desafios no que se refere ao desenvolvimento das lavouras, com estiagem em pleno desenvolvimento dos grãos, principalmente entre aqueles que optaram pelo plantio antecipado da safra verão. Na região de abrangência da Coopermota, o panorama geral da soja foi de bom desenvolvimento para a maioria das lavouras com algumas localidades apresentando sinais de redução de produtividade devido ao veranico no final do ciclo. Os resultados verificados até o momento em nossas unidades de armazenamento estão variando bastante entre uma região e outra. Contudo, esperamos que ao final do período tenhamos uma média ainda satisfatória, de uma forma geral.

Praticamente toda a soja que recebemos é direcionada ao comércio exterior, com exportações realizadas via portos de Santos e Paranaguá. A soja é um produto comercializado no exterior, com qualidade e características padronizadas pelo mercado internacional. Desta forma, os grãos que recebemos precisam passar por uma avaliação detalhada de forma a atender estas demandas em sua integralidade e garantir que o nosso produto seja bem aceito no mercado.

Depois de um 2018 com vantagens obtidas pelo Brasil na exportação de soja, diante do entrave vivido por EUA e China, precisamos aguardar os desdobramentos da abertura novamente concedida para a negociação entre os países. A iniciativa de retorno da exportação norte-americana aos chineses deve afetar diretamente o mercado de grão nos próximos meses para o Brasil, o que deve influenciar também na comercialização desta safra.

Dedicamos agora os nossos esforços para o inverno, com o milho de segunda safra. Neste caso, sabemos que se trata de uma cultura que reage de forma muito acentuada às ações de incremento ou de controle realizadas pelo produtor. O manejo adequado, nesta situação, é crucial para bons resultados. Disponibilizamos todo o nosso corpo técnico de profissionais para auxiliar os produtores nesta “empreitada”.

Boa safra!!!!

**Edson Valmir Fadel**  
Presidente da Coopermota

06

Adoção de semi-confinamento do gado e novas práticas buscam maior eficiência nos resultados

10

Agricultora conta desafios e oportunidades alcançados na condução da propriedade de sua família

15

Tour demonstra práticas de nutrição e manejo em mandioca

19

Pesquisador destaca cuidados necessários no controle do percevejo

24

Produtores enfrentam chuva para acompanhar a 1ª edição do CampoCooper em Teodoro

28

Estiagem evidencia influência de cuidados contra ervas daninhas em soja

34

Produtores aprovam contas e autorizam ações da cooperativa para os próximos meses

36

Cooperjovem é realizado em Assis com o envolvimento de quase 200 professores

39

Artigo: Pesquisador destaca importância da soja no agronegócio brasileiro

## ELIMINAR TERCEIROS Cria, recria e engorda na propriedade

**Segundo o gerente, a meta é engordar 100% dos bezerros nascidos na propriedade, até 2020; atualmente a engorda envolve cerca de 70% do total**

**N**a Fazenda Santa Maria, Água do Borá, localizada no limite de município entre Paraguaçu Paulista e Borá, a engorda dos bois Nelores tem sido realizada nos dois últimos ciclos de crescimento no sistema de semi-confinamento. O objetivo, segundo o gerente Ênio Ambrósio, é obter uma melhor qualidade de carcaça e ainda ser beneficiado pela maior agilidade na conclusão de engorda dos animais até o momento do abate.

A propriedade é do empresário paulistano José Oscar de Siqueira, que delega a Ambrósio o cuidado de toda a produção de gado na fazenda. “Quando eu entrei para trabalhar aqui era só recria. A gente comprava engordava e vendia. Há quatro anos adquirimos 450 matrizes e entramos também para a criação. Na sequência, começamos a segurar os machos para a engorda e com isso diminuímos o plantel de matrizes para 280 cabeças. Hoje a gente faz a cria, recria e engorda. Para mim, o segredo da profissão, no meu ponto de vista, é fazer o ciclo completo na propriedade e eliminar a intermediação

de terceiros”, avalia. Ambrósio conta que atualmente são comprados apenas os touros. As vacas seriam todas filhas de touro P.O. (puro de origem) e a produção delas também. “A genética já está com pedigree”, brinca.

O gerente considera que a margem de lucro do pecuarista já é pequena e com a presença de “atravessadores” o percentual de ganho reduz ainda mais. “Está ficando caro produzir carne porque subiu muito o valor dos insumos”, justifica.

Das matrizes que dão origem ao gado que será engordado na Fazenda e comercializado junto aos frigoríficos da região, a capacidade de engorda da propriedade é de até 70% dos bezerros nascidos. A meta, segundo Ambrósio, é alcançar a engorda de 100% destes bezerros até 2020. “Hoje eu preciso vender 30% deles”, diz.

Além disso, Ênio Ambrósio cita que em breve deve ser adotada na propriedade a Inseminação Artificial por Tempo Fixo (IATF), o que leva as matrizes a uma ovulação uniforme, de acordo com o período em

que foi realizada a iniciativa. “Na cobertura natural a prenhez oscila conforme o ciclo das vacas, o que gera dificuldades de manejo e custo”, cita a agrônoma e zootecnista, Luciane Custódio de Souza.

Outra perspectiva de crescimento da Fazenda diz respeito ao aumento da adesão ao semi-confinamento. O sistema vem sendo adotado aos poucos, tendo sido realizada a primeira experiência no inverno do ano passado, em 2018. Atualmente, apenas 5,5% do gado da propriedade está no semi-confinamento. “Temos pretensão de ampliar a engorda por este sistema. Contudo, tudo o que a gente vai fazer de infraestrutura na fazenda precisa ser avaliado criteriosamente. Sempre temos os prós e os contras. Estamos fazendo as contas e o que temos notado é que os resultados têm sido muito bons. Com o semi-confinamento a gente consegue antecipar a ocupação do pasto por um novo lote, reduz o uso de medicação e o risco de doenças, além de outros problemas, tendo em vista que o gado é finalizado com pelo menos seis meses de antecipação”, argumenta.

Ambrósio comenta que a sua pretensão é sempre possuir lotes de animais prontos para entrar no semi-confinamento no momento em que o pasto

é liberado. “Ainda estamos no processo de transição. No caso do primeiro lote, eu consegui colocar os animais para engorda logo na sequência, mas desta vez eu ainda não tenho outro pronto para engorda. Os animais ainda estão leves”, afirma.

A agrônoma explica que a orientação para a adoção do semi-confinamento é que os animais já tenham finalizado a fase de crescimento, pois antes de atingir o peso ideal, a nutrição recebida vai para o crescimento e não para a engorda, o que inviabiliza a iniciativa do ponto de vista financeiro.

Ela comenta que o sistema de semi-confinamento está em ascensão no mercado, tendo em vista que a terra localizada no estado de São Paulo é cara para o sistema extensivo. “O semi-confinamento é mais barato para a engorda de bovinos, em relação ao confinamento total do gado. Por sua vez, é mais viável do que o sistema extensivo, que exige grandes áreas de pastagem. Além disso, o produtor também consegue aliar a produção de gado com a lavoura de grãos”, afirma. No confinamento o custo por cabeça de gado varia de 10 a 15 reais enquanto que no semi-confinamento este gasto fica entre cinco e 10 reais.



Luciane e Ênio mantêm contato constante para o acompanhamento técnico em relação ao manejo do gado.



A ração Confinamento da Coopermota é direcionada aos animais uma vez ao dia, pela manhã.

## }ADESÃO AO SEMI-CONFINAMENTO

A primeira vez que foi adotado o semi-confinamento da Fazenda Santa Maria foi no inverno do ano passado. Atualmente são 57 bois semi-confinados, que permanecem na alimentação dirigida por cerca de 100 dias, em uma mescla de pastagem e nutrição via ração Coopermota Confinamento. O lote atual entrou no sistema com 430 quilos e seriam comercializados dias após a entrevista com a reportagem da revista O Campo, com média de 540 quilos. Foram sete arrobas em 100 dias, o que equivale a um desenvolvimento de massa corpórea em cerca de 1,10 quilos por dia.

Ao iniciarem a alimentação no semi-confinamento, os animais passaram por um período de adaptação até chegar no patamar ideal de consumo de 5,5 quilos/cabeça de ração por dia. O trato é realizado apenas pela manhã e a pastagem é utilizada no decorrer do dia, para a complementação da alimentação. “Eles passam a tarde na sombra e na pastagem, mas nem comem muito porque a ração já os alimentou bem”, comenta Ambrósio.

A primeira boiada mantida no semi-confinamento da Fazenda foi abatida em outubro de 2018 e no segundo lote, que seria abatido em fevereiro de 2019, foi incluída a imunocastração realizada por vacina. Conforme dados da Zoetis, reponsável pelo produto, trata-se de um injetável que estimula o sistema imunológico do boi a produzir anticorpos que inibem o hormônio sexual dos bois, denominado GnRH. Segundo dados da empresa, o produto não se configuraria, portanto, como uma castração química ou hormonal. “Os bois foram vacinados na entrada do semi-confinamento e depois de 30 dias”, diz Ambrósio.



A nutrição do gado é alternada entre a ração balanceada e a pastagem com a *B. brizantha* cv. Marandu.

## RAÇÃO E PASTAGEM BALANCEADOS

Além da nutrição balanceada oferecida diariamente aos bois por meio da ração Confinamento Coopermota, os animais também são alimentados na pastagem com a *B. brizantha* cv. Marandu. Na ração, são oferecidas proteínas, fibras, cálcio, fostato, vitaminas A, D3 e E, além de selênio, ferro, cobre, zinco, manganês, magnésio, iodo, cobalto, entre outros componentes em proporções recomendadas para a engorda dos animais. Enquanto que a pastagem realizada à base da *brizantha* traz proteínas complementares.

Conforme dados da Embrapa, a *brizantha* tem resistência às cigarrinhas-das-pastagens, alta produção de forragem, boa capacidade de rebrota, tolerância ao frio, à seca e ao fogo. No entanto, é uma braquiária que exige solos bem drenados, de média a alta fertilidade, sendo indicada para bovinos de cria, recria e engorda.

“Em 60 dias a pastagem aqui da Fazenda já está pronta para ser consumida, mas como é um pasto novo, é preciso alguns cuidados. Neste período só levo o gado mais leve para a pastagem”, explica.

Entre um período de engorda e outro, Ambrósio adota a reforma do solo com o plantio de amendoim, cultivado a partir da parceria com produtores da região. Neste caso, os produtores de amendoim ficam responsáveis pela terra por cerca de 7 meses, período em que realizam o cultivo e ficam com a produção para eles. Em resposta, o gerente da fazenda recebe o solo de volta com elementos químicos e biológicos corrigidos e a pastagem cultivada. “Eu acompanhado e faço a recomendação da quantidade de sementes da braquiária a ser jogada ao solo. Antigamente a gente jogava menos sementes e deixava sementear o capim, mas como a gente já utiliza a pastagem com 60 dias ele ainda não soltou sementes. Então jogamos mais sementes ao solo. Hoje estamos adotando o montante de 35 quilos por alqueire”, comenta. ■

MULHER NOS NEGÓCIOS

# “O campo era um sonho do meu pai e agora é o meu”

A produtora rural da região de Echaporã conta sua trajetória no campo para a condução da fazenda recebida do pai; ela realiza o sistema de integração lavoura pecuária com gado Nelore e soja.



**E**m pouco tempo a realidade da família Padovan Vidotti se transformou. A vida de 21 anos como psicóloga desempenhada por Carla Padovan Vidotti, e então exercida em Mato Grosso do Sul, deu lugar à vida ao sol na cidade do seu pai, em Assis. “Eu assumi em pouco tempo todos os aspectos de controle da propriedade, desde a parte financeira e econômica, até a operacional. Assumi a fazenda que era do meu pai. Ele sonhava em manter esta propriedade com um bom desenvolvimento e agora este é o meu sonho. Isso aqui é um presente que recebi dele”, afirma a agricultora, proprietária

e também arrendatária da Fazenda Santa Rita, situada na região de Echaporã, área de atuação da Unidade de Negócios da Coopermota de Assis. Ela arrenda da mãe a área que ficou inventariada após a morte do pai. Ele teve problemas de saúde e faleceu em maio de 2017.

O caso dessa agricultora registra uma história de sucessão em que a transmissão da voz de comando passou do pai para a filha. Fugindo à regra da maioria dos casos, foi ela quem se envolveu com o negócio da família e não o irmão. Em todo o país, o percentual de mulheres à frente da condução



A atual safra vem apresentando bons resultados, fato comemorado por Padovan.

de propriedades rurais vem crescendo. Um trabalho desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), com análise entre os anos de 2004 e 2015, registra uma tendência de crescimento da atuação da mulher no campo em 8,3% no decorrer dos anos avaliados. Até 2015, portanto, a participação da mulher nesta área era de 27,97% do total. Muitas delas, com nível de educação formal de maior qualificação em detrimento ao perfil até então evidente entre os profissionais do meio agrícola.

Este mesmo crescimento pode ser percebido nas estatísticas publicadas em anos posteriores aos dados divulgados pelo Cepea. Conforme levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do Censo Agropecuário referente aos anos de 2006 e 2017, a participação da mulher na agropecuária passou de 12% para 18%, um aumento de 6%. O percentual de 18% equivaleria a um total de quase um milhão de mulheres em atuação nesta área.

Carla comenta que seu pai era economista e sempre trabalhou com um grupo distribuidor de energia. “Ele sonhava trabalhar com gado, com agricultura. Foi então que comecei a namorar alguém que tinha uma vida na agricultura e então meu pai resolveu entrar nesta área. Inicialmente atuava na pecuária, com o gado Nelore, e viu que poderia reformar a sua pastagem com lavoura. Ele começou inovando na região, fazendo rotatividade a partir da integração lavoura pecuária”, conta a agricultora. Ela comenta que sempre conviveu com o pai na condução da fazenda, mas acompanhava à distância. Estava sempre próxima a ele no momento da compra do gado, dava ideias sobre alternativas e preços, bem como fazia parte do controle financeiro. Da mesma forma, participava das aquisições de insumos para a lavoura, mas nos dois dos casos não era responsável por nada na fazenda.

Esta realidade mudou em 2017, quando ela passou de uma circunstância de acompanhamento para uma prática total de realizações na propriedade.



A agricultora afirma que a rentabilidade obtida com a lavoura lhe permite fazer investimentos na propriedade.



Carla Padovan enfatiza que a qualidade dos grãos que obteve nesta safra tem sido destacada no momento de entrega de sua produção.



“Meu pai precisou de retaguarda e eu resolvi vir para cá para ajudá-lo. Por algum tempo ele me auxiliava à distância, mas quando não havia mais a perspectiva do retorno dele à atividade eu voltei a Assis para tocar as coisas. Era período de plantio, ele hospitalizado e a colheita em andamento. Neste meio tempo acabei assumindo tudo”, diz.

Na fazenda Santa Rita é realizada a integração entre a lavoura e a pecuária. “Fazemos sempre metade da propriedade com soja e no inverno mantemos a pastagem na área total para que não falte alimento para o gado. Primamos muito pela qualidade e investimos bastante na terra, na correção do solo, na escolha de uma boa semente e em tudo que é necessário para uma boa qualidade de lavoura e gado. Mesmo nesta terra mista, mais arenosa, em que todo mundo não tem muita perspectiva de grandes produtividades eu tenho tido um ótimo desempenho”, afirma.

O gado é considerado como “carro-chefe” da propriedade, porém a lavoura tem ganhado cada vez mais espaço diante do suporte e do retorno financeiro, considerado maior do que o obtido com a pecuária. “O gado mantém a propriedade e a lavoura nos dá condições de investimentos e melhorias”, complementa.

Conforme a agricultora, a estrutura da propriedade vem passando por modificações em busca de melhores condições de produção. A família possuía parte do gado que precisava de descarte, o que foi realizado, a partir da compra de novas matrizes para o aprimoramento da genética. A fazenda comercializa bezerros para a engorda e, de acordo com Carla Padovan, os lotes que tem comercializado não possuem descartes. Isso porque os todos bezerros estariam dentro padrão esperado pelo mercado. “Temos uma carta boa de clientes que sabem da qualidade do nosso gado e sempre nos procuram. Não temos dificuldade nenhuma para a venda”, comenta.

## MULHER NO COMANDO

Neste mês de março é comemorado o Dia Internacional da Mulher. A data foi definida em alusão a uma história de reivindicação de trabalhadoras norte-americanas e a consequente represália àquelas mulheres que faziam greve por melhores condições de trabalho e por redução de jornada, em 1857. As portas da fábrica onde estavam foram trancadas e policiais atearam fogo ao estabelecimento.

Embora as mulheres já tenham alcançado algumas conquistas depois dessa e de outras reivindicações que persistem e são realizadas em todo o mundo, a condição de preconceito ainda existe. Carla Padovan relata algumas dificuldades vividas, principalmente nos primeiros meses de sua atuação como responsável pela fazenda. “No início senti muita dificuldade. Talvez por insegurança da minha parte também. As negociações de gado são realizadas prioritariamente por homens. Na primeira vez que cheguei para negociar o gado, havia cinco

homens, entre pecuaristas e picaretas, para negociar. Foi bastante intimidadora a forma como me trataram. Eles criticavam e tentavam impor um valor abaixo do que eu propunha”, relata. Contudo, destaca que esta situação vem sendo amenizada a partir do momento em que começou a ocupar os espaços, se posicionar e ter o respeito das pessoas. “Hoje esta negociação é mais tranquila, seja quanto ao gado ou à lavoura. Muitas vezes querem nos empurrar produtos, florescem o que não é realidade, mas tenho conseguido sucesso nas ações que propomos aqui para a fazenda”, conta.

A atuação como proprietária do negócio também lhe trouxe desafios no que se refere ao trato com os funcionários, que passaram a serem comandados por uma mulher. “Tudo foi uma conquista gradativa. A mulher é mais criteriosa e detalhista, então é uma mudança de postura que toda a equipe teve que adotar, mas as pessoas que trabalham comigo são muito competentes e eu só tenho que agradecer

a dedicação de cada um. A gente trabalha em equipe e com planejamento a curto e médio prazo. Temos tido bons resultados nos últimos três anos, seja com a adoção de um menor rebanho com uma produtividade ainda melhor, ou na redução do custo da lavoura com produção mais elevada”, garante.

A produtora avalia que ainda é muito escassa a presença de mulheres no agronegócio. “Não conheço ninguém, embora ouça histórias de mulheres que tenham histórias semelhantes à minha, não as conheço. Sempre nos encontros que vamos, as mulheres são as esposas acompanhando os maridos, mas não são as condutoras do negócio, principalmente aqui para a nossa região”, cita. Além disso, critica que ainda não existem ações técnicas agronômicas voltadas para mulher. “Lá no Mato Grosso do Sul as coisas estão mais adiantadas neste ponto. Meu esposo esteve em um evento em Maracaju e me enviou a reportagem que dava destaque a uma mulher que estava à frente dos negócios, assim como eu. Ele disse que lembrou de mim na hora”, destaca.

Entretanto, a produtora se mostra esperançosa de que a presença da mulher cresça no meio rural tanto por uma circunstância natural de ampliação de sua atuação, como também por uma mudança de cultura. “Existe a necessidade que se mude este olhar de que algumas profissões são masculinas

e devem ser ocupadas só por homens. É preciso que deixe de se defender de que na sucessão agrícola é o homem quem deve assumir a propriedade. De repente acontecem estes percalços da vida, como foi o meu, e percebemos que o sucessor não é aquele que foi escolhido, mas sim aquele que se fez sucessor”, defende. Ela destaca a importância de persistir naquilo que se propôs a fazer. “Assim que meu pai faleceu, muitos vieram nos procurar para comprar ou arrendar a fazenda. Pensavam que porque ficou para as mulheres ou o dono morreu, que acabaria tudo. Mas sempre dissemos que não venderíamos e que iríamos tocar essa propriedade. Surpreendemos, fomos teimosas e estamos mostrando bons resultados”, enfatiza.

Padovan comenta que desde que assumiu a propriedade adotou medidas diferentes à do seu pai, passando a trabalhar com cooperativa (Coopermota) e atuando na busca incessante pela redução de custos. No entanto, lamenta que as pessoas que atuam no meio rural, de uma forma geral, ainda sofrem com a inconstância de preços, seja no que se refere à arroba do boi quando ao valor da saca de grãos. “Esta instabilidade dificulta muito para gente fazer um planejamento mais exato de nossos gastos e rentabilidades”, reclama. Contudo, ela destaca que aceitou o desafio e irá trabalhar para que a propriedade seja ainda melhor do que já é. ■



Desde que assumiu a propriedade, Carla Padovan se tornou cooperada e recebe assistência da equipe da Unidade de Negócios de Assis. Na foto, está acompanhada do agrônomo Lucas Napoleão Pereira.

# É MAIS PRODUTIVO QUANDO A GENTE FAZ *Junto*



**FMC**

SEMEANDO E CULTIVANDO  
A VIDA *Juntos*

## FMC SOJA

A agricultura está em nosso DNA. Investimos em tecnologia, pesquisa, inovação e estamos sempre ao seu lado para entender o que você precisa.

Este é o nosso jeito, acreditamos que a produtividade vai além de fazer mais, está em fazer junto.

Vem conversar com a gente.

[www.fmcagricola.com.br](http://www.fmcagricola.com.br)

innova





## PRODUÇÃO DE MANDIOCA

# Correção de solo e nutrição para bons resultados

Toda a definição de manejos nutricionais e correções de solo deve ser realizada conforme indicação da análise de solo

As folhas viçosas e a altura das plantas superam a estatura dos produtores dispersos na área preparada para a análise. Em outro espaço, as raízes foram preparadas de forma a proporcionar uma melhor observação no que se refere ao seu desenvolvimento. O detalhamento de características de novas cultivares e de variedades já bastante conhecidas, bem como o seu manejo nutricional foram temas abordados no “Tour da mandioca”, realizado na região de Campos Novos Paulista, em parceria com a Apta e a TimacAgro.

Na ocasião, foram realizadas visitas a três propriedades, sendo uma delas com cultivo realizado para avaliação de pesquisa, conduzida pela Apta, e outras duas comerciais. A qualidade do manejo adotado, bem como a escolha da variedade correta e a adoção de nutrição ideal para a cultura foi enfatizado em todas as orientações.

Na ocasião, o representante da Timac, Lucas Viel, destacou a importância de uma nutrição equilibrada para que se alcance o potencial produtivo da mandioca. “O produtor precisa considerar um conjunto de fatores, que se estendem desde a tecnologia utilizada até a adoção de uma adubação eficiente, para se obter altos índices de produção”, afirma.

Ele explica que antes de qualquer medida, é necessário a realização de uma análise de solo bastante precisa, de forma a se definir as intervenções a serem realizadas durante a cultura. “A mandioca tolera mais a acidez do solo em relação aos grãos, mas em termos de correção, as exigências dela são iguais às outras culturas. Um solo fértil é essencial para se ter um potencial produtivo maior”, afirma.



Além de ser mais tolerante à acidez do solo, a mandioca possui alto índice de resposta à adubação orgânica (esterco de galinha), respeitando o limite de 7 toneladas por alqueire para evitar problemas devido ao excesso de folhas.

Além disso, Viel comenta que o preparo do solo precisa considerar a necessidade de um terreno descompactado para que as raízes possam crescer adequadamente e desenvolver uma boa produção de raiz e renda.

No que se refere às variedades, o diretor da Apta Médio Parapanema, Sérgio Doná, demonstra a arquitetura, bem como a especificidade das variedades para cada tipo de solo. “O controle de doenças já começa na seleção de rama e da cultivar”, diz.

Em uma das áreas visitadas, os técnicos destacaram a recuperação do solo obtida a partir dos cuidados nutricionais adotados. Segundo análise realizada em 2016, naquela ocasião o solo possuía o índice de apenas 3% de fósforo, enquanto que o ideal é 15%. Já no que se refere ao potássio, o percentual constatado era de ½%, diante de uma situação ideal de 3%. Para o cálcio, o desequilíbrio estava numa realidade de 3,2%, diante do índice ideal de 45%. No que se refere ao magnésio, o percentual constatado era de 1,6%, sobre os 15% desejados, enquanto que o alumínio era de 27%, quando o ideal é zero. Diante dos valores identificados, foi realizada a correção de solo e a nutrição da mandioca em duas safras seguidas. A constatação visual da plantação atualmente é de boa produtividade e desenvolvimento das plantas, o que demonstra o equilíbrio obtido entre os nutrientes.

Conforme dados da Embrapa Mandioca, situada em Cruz das Almas (BA), a mandioca tem grande capacidade de absorção de nutrientes. Para que se obtenha um equilíbrio nutricional do solo, o indicado é a utilização de calcário dolomítico, o qual é composto também por cálcio e magnésio. A aplicação deve ser realizada à lanço, com variações para cada tipo de solo. Além disso, as adubações devem utilizar adubações nitrogenadas, fosfatadas e potássicas, todas definidas conforme indicação da análise de solo. ■

Os produtores observaram aspectos da arquitetura da planta e o desenvolvimento das raízes.



A atividade se estendeu durante toda a manhã, com demonstrações em culturas locais



Em uma das propriedades visitadas, a correção do solo conquistada em duas safras de mandioca foi destaque na apresentação dos produtores.

# A força do cooperativismo brasileiro na agropecuária.

Mais do que números, valores que fazem a diferença.

[somos.coop.br](http://somos.coop.br)

Do início ao fim da cadeia produtiva, tem cooperativa agropecuária somando esforços e dividindo conquistas.

## Preparando para começar

Insumos, máquinas, equipamentos. Tudo o que os cooperados precisam para produzir pode ser oferecido pelas cooperativas.

## Esperando o momento certo para vender

No Brasil, já temos mais de 30 milhões de toneladas de capacidade de armazenagem para os cooperados.

## Ganhando o mercado

Juntos, conseguimos melhores condições de negociação e nos tornamos a referência de preços, otimizando nossos ganhos.

Saiba mais sobre o nosso modelo de negócio e sobre o nosso jeito de transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos.

1.016.606  
Cooperados



188.777  
Empregos

1.555  
Cooperativas





## CONTROLE DE PRAGAS

# Os percevejos são quase de estimação de cada fazenda

São insetos que não migram muito. É preciso conhecer os hábitos do percevejo e a sua infestação na lavoura para que a aplicação do inseticida ocorra de forma satisfatória

Ele é um bicho que anda pouco para saciar a sua fome. Se a lavoura de soja está atendendo às necessidades do percevejo ele permanece neste espaço, mas migra rapidamente ao talhão de milho vizinho quando é ali que encontra o alimento. Se nenhuma das culturas estão desenvolvidas, são as plantas daninhas que vão lhe alimentar. Caso não haja alimento disponível na área ele volta para a mata ou para um abrigo e se instala até a próxima safra, quando voltará à lavoura de soja. “Diferente da mariposa, que voa por distâncias muito longas, os percevejos não migram muito, o que favorece o surgimento da resistência. No dia-a-dia do produtor isso representa falhas

de controle. O percevejo resistente é como uma praga de estimação que está na sua lavoura. É aquele que foi exposto aos produtos que você está usando ao longo dos anos. Isso porque ele migra a poucas distâncias e permanece nas imediações, caso não sofra os efeitos dos inseticidas”, afirma o pesquisador da Embrapa/Soja, Samuel Roggia. Ele realiza uma orientação quase que pedagógica para destacar a importância do cuidado do produtor com as aplicações de inseticidas destinadas ao controle do percevejo. O alerta foi apresentado em palestra realizada no Campo de Difusão de Tecnologia da Coopermota.

Segundo Roggia, existem dois desafios aos

agricultores para o controle químico do percevejo. O primeiro deles estaria ligado à resistência destas pragas aos inseticidas e o segundo diz respeito à pouca disponibilidade de produtos no mercado, com variações de mecanismos de ação. “Esses dois pontos são peculiaridades tanto para o controle dos percevejos, quanto para os insetos sugadores de um modo geral. Temos entre 40 e 50 produtos disponíveis entre as marcas comerciais registradas no Mapa (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento) com esta finalidade. Todos são neurotóxicos, que atuam em um processo metabólico específico do inseto, diferente do que ocorre com o controle de lagartas ou de outras pragas, em que existem vários outros mecanismos e formas de ação que levam a praga à morte”, diz. Para os percevejos são usados sempre os neonicotinoides, os organofosforados ou os piretroides. Diante disso, o pesquisador destaca a necessidade de ser adotada a rotação dos produtos. “Sei que é um pouco complicado entender e dominar todos os grupos químicos para que se possa rotacionar o uso, mas para isso contamos com a orientação dos agrônomos da cooperativa”, diz.

Como forma de exemplificar a ação dos produtos que levam à resistência das pragas, o pesquisador lembra a proibição à venda de medicamentos antibióticos sem receita médica determinada há

pouco tempo. Destaca que essa medida foi tomada porque as bactérias causadoras das doenças se tornam resistentes quando combatidas com o mesmo antibiótico indiscriminadamente. “É mais ou menos isso que acontece também na cultura da soja. Tem agricultor usando inseticida destinado ao controle de percevejo, para controlar outras pragas. Como os produtos para percevejos são poucos, em termos de diversidade de mecanismo de ação, é importante que eles sejam usados somente para o manejo desta praga. Isso porque para o combate às lagartas e outras pragas podemos usar vários outros produtos eficientes”, afirma.

O pesquisador explica que apenas alguns, entre dez milhões de insetos, são resistentes a determinado produto, porém, quando se aplica o mesmo inseticida durante muito tempo, com o mesmo mecanismo de ação, ocorre naturalmente a seleção porque essa determinada composição de controle atinge aqueles que são suscetíveis a ela. Em contrapartida, os insetos resistentes permanecem no local e se reproduzem até gerarem uma população de percevejos que não são mais atingidos por aquele mecanismo defensivo.

Além da rotação de produtos com diferentes métodos de ação, a tomada de decisão pela aplicação do inseticida precisa considerar o nível de infestação da praga, conforme recomendações



Samuel Roggia apresentou dados e sanou dúvidas dos produtores durante a palestra.



Na maior parte do dia os percevejos ficam ocultos na parte média da planta.

amplamente divulgadas. “As pesquisas que a Embrapa tem feito validam a informação de que a soja tolera a infestação de percevejos até um certo nível, assim como tolera a infestação de lagartas e de outras pragas. A gente vê muita gente desesperada que entra na lavoura e quer aplicar o inseticida no primeiro percevejo que vê. Não é bem assim. A soja tem vários mecanismos de defesa”, defende.

Ele explica que para a orientação do produtor sobre o momento certo de entrar com o defensivo

deve ser utilizada a amostragem populacional. “Às vezes, na agricultura, a gente quer tomar decisões sem saber o que está acontecendo de fato no interior da lavoura, sem saber qual a praga e qual o nível populacional existente”, critica.

Outro problema citado pelo pesquisador diz respeito à prática de “aproveitamento da aplicação”, incluindo o inseticida em iniciativas que originariamente seriam para fungicidas ou outros produtos. Ele destaca que esta medida é realizada normalmente na primeira aplicação



A aplicação de inseticida deve ocorrer somente quando o nível populacional do percevejo representar danos reais à soja.



de fungicida, quando ainda é muito cedo para controlar o percevejo. “Se coincidiu, se houve uma oportunidade de aproveitar uma pulverização de fungicida, tudo bem, mas a gente deveria pensar uma coisa separada da outra”, alerta. Roggia cita que devido a esta prática, há casos em que a lavoura está na metade do período de enchimento de grãos e já teve quatro pulverizações para percevejos. “Às vezes as aplicações ocorreram quando nem tinha percevejos, ou quando tinha um nível populacional muito baixo. Os inseticidas para percevejos têm um tempo de ação residual muito curto e a aplicação preventiva não surte efeito. A mortalidade de percevejos evolui por até sete dias, mas o residual efetivo dos inseticidas é de apenas três dias, depende das condições de aplicação”, explica. Ele acrescenta que quando se usa muitos produtos para controlar uma determinada praga, o que ocorre é o desequilíbrio ambiental, favorecendo o ataque de percevejos no final do ciclo. “A gente tem observado que, dos ovos que os percevejos colocam no campo, de 60%

a 80% deles são comidos por algum predador, seja formiga, tesourinha ou outros”, cita.

O pesquisador ainda finaliza que nas aplicações com pulverizadores, há a necessidade de cuidados com misturas, entre inseticidas, fungicidas e até adubos foliares, para que não haja problemas de entupimento de bicos ou de filtros. Tendo a amostragem e a necessidade de aplicação definidas, bem como a rotação de produtos adotada, o agricultor precisa ainda se atentar para a técnica de aplicação utilizada. Roggia destaca que essa preocupação deve ser ainda maior quando a praga a ser controlada é o percevejo. “Eles estão na maior parte do dia na região média da planta. Ficam abrigados, ocultos e oferecem uma dificuldade a mais para serem atingidos diretamente”, diz. ■

COLABOROU Gabrielli Burgarelli.

**ARYSTA**  
**PEGOU PESADO**  
**CONTRA A BUVA**  
**RESISTENTE**



**ATENÇÃO**

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita.

Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto. Não reutilize embalagens vazias. Informe-se sobre e faça o manejo integrado de pragas. Produto de uso agrícola.

**CONSULTE SEMPRE UM  
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.  
VENDA SOB RECEITUÁRIO  
AGRÔNOMICO.**





## CAMPOCOOPER EM TEODORO

# “Parceria selada mesmo sob chuva”

**Grande parte do evento foi realizado sob chuva e cerca de 350 produtores da região se deslocaram até o local para acompanhar as demonstrações de tecnologia agrícola**

**A** chuva ocupava seu espaço no céu de Teodoro Sampaio em toda a região desde o início daquela semana. Era a primeira vez que as demonstrações de tecnologia agrícola seriam realizadas nos moldes do CampoCooper, organizado pela Coopermota, naquele município. Mesmo na data do evento, ela continuava sendo companhia dos organizadores. Contudo, o desejo por informações agrícolas e técnicas para melhorar a sua produção por parte dos agricultores da região era maior do que o desconforto causado pela chuva e, conseqüentemente, pelo barro. Sob chuva durante a maior parte da tarde, cerca de 350 produtores visitaram os plots preparados pela Coopermota relacionados a diferentes campos de atuação, tendo a pecuária como foco principal de interesse dos agricultores locais.

Para o prefeito de Teodoro Sampaio, Ailton Cesar Herling, o CampoCooper “selou” o trabalho que vem sendo realizado junto aos produtores e a abertura que vem estabelecendo com todos da região, seja ele produtor ou pecuarista. “Esta ação visa enraizar cada vez mais o trabalho da Coopermota com nossos produtores, fortalecendo o vínculo já estabelecido. Avalio este evento de forma muito positiva. A gente percebe nitidamente a mudança de comportamento e a postura dos nossos produtores desde a vinda da Coopermota para Teodoro. Foi um marco, uma divisão de águas entre o que éramos antes e depois da Coopermota. Falo isso pelo trabalho que ela vem fazendo, pelo acompanhamento, pela orientação, pela aproximação do serviço de assistência, entre outros”, afirma.

Herling comenta que a região possuía algumas

parcerias institucionais com órgãos públicos estaduais como o Itesp (Instituto de Terra do Estado de São Paulo) e a Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), mas faltava algo mais corporativo como é a Coopermota. “Tínhamos os órgãos públicos e o produtor, mas não tinha aquela empresa que estaria disposta a fazer um pouco a mais. A Coopermota preenche esta lacuna”, comenta.

A mesma avaliação faz o produtor, morador do sítio Santa Luzia, do assentamento localizado em Euclides da Cunha, Francisco Macedo de Melo, conhecido como França. Ele cria vacas da raça Jersey para a produção e comercialização de leite e destaca que a atuação da Coopermota na região tem contribuído para o desenvolvimento de seu negócio. Ele comenta que embora perceba a necessidade de cuidados com o solo, precisa de alguém que te ajude com a assistência técnica e te incentivando a buscar melhores resultados. “A Coopermota mudou muito minha vida. Está fazendo a diferença para mim”, argumenta. No CampoCooper ele deu atenção especial às áreas de pastagem. “Estou começando agora a implantar um manejo mais elaborado. Tenho capim paredão e a braquiária híbrida. Tirei piquetes para corrigir solo e agora vou retomar as divisões do pasto. Fiz adubação com esterco de

galinha e adubação química e já está melhorando. Estou aprimorando, mas ainda preciso fazer análises mais específicas do solo e evoluir a partir dos exemplos que estou vendo aqui. A gente vê nas demonstrações a discrepância entre o capim sem cuidado e o outro. Dá até para afirmar que é outra variedade diante da diferença entre eles. Adubação e cuidado com o solo é crucial”, enfatiza.

França comenta que as mudanças de resultados que vem obtendo já são visíveis. Diante disso, conta que já instalou em sua propriedade o silo no sistema de comodato para ter melhores condições de estrutura para a nutrição de seu gado e maior facilidade de pagamento do produto. “Já tivemos uma produção boa de milho para silagem e estamos confiantes na safra deste ano. Para quem quer mudar, tem que ter a cooperativa como apoio. Ela é muito importante”, destaca.

Presente no evento, o vice-presidente da Coopermota, Antônio de Oliveira Rocha, destaca a presença do produtor em buscar informações sobre a área mesmo sob chuva. “A gente percebe que os agricultores da região têm muito interesse nas informações que oferecemos no CampoCooper. Foi impressionante ver que chovia e continuava chegando gente. Tivemos quase 400 produtores e a maior parte do evento foi embaixo de chuva. Isso é muito expressivo”, avalia.



Entre as demonstrações do CampoCooper estiveram as alternativas de cultivo com a fruticultura e outros.



Depois de algumas horas de CampoCooper sob fina chuva, o sol surgiu.

## ASSENTAMENTOS EM TEODORO SAMPAIO

De acordo com dados do município, a região do Pontal do Paranapanema possui 22 assentamentos, com um total de 1300 famílias instaladas na região. A maioria dos produtores destes núcleos são provenientes de cidades próximas, sejam estas do Paraná ou do entorno de Teodoro. Na avaliação do prefeito, César Herling, os assentamentos ainda estão na fase inicial de modernização, sendo 40% deles mais tecnificados e outros 60% com necessidade total de assistência. Ele comenta que, infelizmente, na região de Teodoro ainda existem animais que morrem por falta de nutrientes. “Acontecem algumas situações em que os agricultores dos nossos assentamentos querem se tornar produtores de leite mas esquecem que

o leite entra pela boca. Antes deles investirem na vaca de raça eles precisam investir na pastagem. Antes de serem produtores de leite têm que serem produtores de capim. Isso aos poucos está mudando. Já temos produtores com sistema rotacionado nas pastagens, irrigação, melhoria na qualidade do solo e outros. A realidade vem mudando gradativamente”, afirma.

Herling destaca que o município vem enfrentando o desafio de fixar as famílias no campo. Para isso tem firmado parcerias com algumas empresas estratégicas que atuam na formação e capacitação dos produtores. “Estamos atuando para auxiliar os nossos jovens a terem orgulho em ficar na propriedade onde trabalha a sua família”, diz. ■



O Itesp fez mini palestras aos visitantes, entre produtores e estudantes de colégios técnicos.



Hideo Nakata e Chitose Nakata são proprietários do Sítio Maravilha, onde foi realizado o CampoCooper



Os produtos derivados do leite chamaram a atenção dos produtores, que puderam degustar algumas guloseimas no local.



TEMPO QUENTE E SECO

**“Em momentos de estiagem, o cuidado com o sistema de produção fica evidente”**

**Pesquisador afirma que para o controle de plantas como buva e capim-amargoso, deixar tudo na mão do herbicida é complicado. Não há nada novo em herbicidas.**

“Cada vez mais o produtor está deixando o manejo integrado das culturas de lado. Quando chove bem esta falta de cuidado não fica tão aparente, mas quando temos um tempo como este a gente vê quem tratou melhor o sistema de produção. Quem cuidou do solo, mantendo uma boa quantidade de palhada, entre outros tratamentos, saiu na frente. A sequência ininterrupta de soja e milho

não está ajudando e nós estamos pensando que a cultura vive apenas de químico. Precisamos de outras coisas, outras iniciativas”. O alerta é do pesquisador da Embrapa Soja/Londrina, Fernando Adegas. A frase foi dita por ele em janeiro quando se reuniu com produtores da região em palestra sobre manejo de plantas daninhas na cultura da soja e do milho.

Nesta edição da revista O Campo, o tema é trazido novamente à discussão com um detalhamento da palestra realizada na 13ª Coopershow. Ele destaca que os problemas de plantas daninhas como a buva e o capim-amargoso, comuns na região, se desenvolvem com mais amplitude quando o sistema de produção não é observado e tratado de uma forma mais complexa. “O método preventivo é importante. Deixar tudo na mão do herbicida é complicado. É importante a gente destacar que não temos nada novo em herbicidas. Alguns produtos vêm sendo lançados, mas todos possuem o mesmo mecanismo de ação”, afirma.

Ele enfatiza que na agricultura, o controle não pode ser feito só com químicos. Segundo ele, a palavra-chave é diversidade e rotação. “Houve uma piora no manejo das culturas e na utilização de um único herbicida na soja e no milho, o que gera resistência. Já temos oito espécies resistentes a glifosato no Brasil. São algumas espécies de buva, o amarantus, uma espécie de caruru existente no cerrado, o capim-branco, conhecido como azevém, no sul do Brasil e o capim-pé-de-galinha. Para a região do Vale, as duas principais plantas resistentes são o capim amargoso e a buva. De 2003 a 2018, todo ano apareceu um novo caso. No Paraguai já há também o picão resistente ao glifosato”, cita.

O pesquisador alerta que a situação atual de proliferação da buva e do amargoso, entre outras plantas daninhas, é decorrente de uma sequência de tratos culturais que favoreceram a seletividade destas espécies. “Nos últimos 15, 20 anos houve algumas mudanças no potencial de produção e na arquitetura das plantas, o que não mudou foi a interferência das plantas daninhas nas culturas”, comenta.

Adegas enfatiza que além de problemas de produtividade, a incidência de plantas daninhas aumenta consideravelmente o custo de produção de culturas como a soja e o milho. “Quem tem amargoso na área sabe. Com certeza vai gastar mais no final do ciclo produtivo. Quando existe apenas a buva na lavoura, ela aumenta em 80% o custo de produção, já com o amargoso, chega a 235% de aumento. Se há as duas plantas daninhas na mesma lavoura, este custo sobe cerca de 400%. São gastos quase mil reais por alqueire para controlar buva e amargoso. É importante a gente olhar com atenção para esta realidade e resolver esta situação”, diz.

A existência do capim amargoso na lavoura aumenta o custo de produção da soja em 235%.



## CONTROLE QUÍMICO

Conforme Adegas, o controle químico da buva ou do amargoso deve ser iniciado com uma dessecação bem-feita. “Cada vez mais é preciso caprichar na dessecação. A buva ou o amargoso no meio da soja não tem mais nada que controle. A dessecação é muito importante. Vamos voltar a usar produtos com residual, mas ao invés de fazer duas aplicações de glifosato no pós-emergente, a proposta é usarmos um residual na dessecação. Contudo, deve ser um residual com mecanismo diferente do glifosato. Desta forma, ele vai ajudar a não sementear algumas plantas. Não seria usar mais herbicida (mais volume), mas sim diversificar”, explica.

A proposta de Adegas é que o herbicida pré-emergente seja capaz de controlar a folha larga e a folha estreita. “Infelizmente não temos um produto com esta característica, portanto as empresas devem optar, nas próximas safras, por misturas, para folha larga e estreita”, diz. Além disso, ele cita que o cuidado a ser tomado é que os pré-emergentes não gerem fito na cultura seguinte.

Conforme afirma, o controle da buva dificilmente é obtido com apenas uma aplicação, sendo necessário um herbicida sistêmico e outro de contato. “O pacote de uso para o controle desta planta daninha tem sido muito repetitivo e isso tem levado a algumas resistências. Já tivemos o registro de uma planta que apareceu queimada um dia depois da aplicação de glifosato e 2,4D, mas estes dois produtos não queimam a planta

assim. Percebemos que este era um mecanismo de resistência da planta. Como se ela cortasse a mão para não perder o braço. Ela provoca uma necrose rápida”, conta.

Ele cita que também já foi percebida resistência de buva ao Paraquat em Assis Chateaubriant, quando foi necessário o uso de 16 litros do produto para que ele começasse a mostrar os efeitos na planta resistente, enquanto que em uma planta suscetível meio litro do produto já é suficiente para o controle. “A gente percebe que estamos perdendo o efeito de herbicidas sistêmicos e também de contato. Estão surgindo, no entanto, alguns outros produtos como o Dicamba, o Paxeo e outros que vêm sendo testado pela Embrapa. Mas na verdade, o que controla buva é palhada. É uma planta fotoblástica e, portanto, se estiver coberta ela não nasce”, enfatiza.

Já o amargoso tem uma complicação extra, por se reproduzir mediante a dispersão de sua semente, que é levada facilmente pelo vento de um lugar a outro. “Um amargoso entouceirado é muito difícil de controlar. Trata-se de uma planta perene, que chega a durar cinco anos. “Até o período de 10 a 15 dias, o controle em pré-emergência feito para a buva também é eficiente para o amargoso. Os graminicídeos são eficientes no controle do capim. O problema é a definição de quando será aplicado o pré-emergente”, conclui. ■

Quando está no meio da lavoura, o controle da buva e do capim-amargoso é muito difícil e aumenta consideravelmente o custo de produção.

# As lagartas ainda estão aí!

Por isso, a solução tem que ser

# Voraz®



Voraz®

O parceiro da biotecnologia.

Este produto é perigoso à saúde humana. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receita do agrônomo.



ADAMA

adama.com

# NUTRINDO A SUA PRODUÇÃO





Coopermota   
**SUPRE**  
SUPLEMENTO MINERAL ANIMAL



## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

# Reunidos para avaliar caminhos trilhados e propostos

**“As políticas implementadas permitiram que o balanço fosse de bons resultados. Nos mantivemos no ritmo de crescimento registrado nos últimos anos”**

Aos poucos as convocações eram recebidas em casa pelos cooperados. Em resposta ao chamamento, na data prevista muitos deles estiveram atentos aos dados apresentados pela diretoria. Estatísticas de realizações práticas e contábeis que foram desenvolvidas em 2018 ocuparam o telão do Centro de Eventos da Coopermotá durante a Assembleia Geral Ordinária.

Conforme dados da diretoria, o balanço do ano passado indica um bom desenvolvimento da cooperativa e do capital do cooperado. Nos mantivemos no ritmo de crescimento registrado nos últimos anos e adotamos iniciativas que devem influenciar positivamente no nosso

desenvolvimento”, destaca integrantes do Conselho Administrativo em mensagem registrada no relatório divulgado aos cooperados. Essa realidade teria sido materializada com a expansão da área de atuação da cooperativa em pelo menos quatro de suas unidades, entre outras medidas. Outro destaque divulgado diz respeito às mudanças estruturais em vários departamentos e a modernização de alguns processos administrativos que devem impactar no cotidiano da Coopermotá.

No âmbito social, as demonstrações totalizam mais de mil participações de colaboradores em cursos e treinamentos, em cerca de seis mil horas de capacitação, conforme dados do setor de Gestão

de Pessoas. O relatório ainda dá ênfase à realização de ações direcionadas aos cooperados por meio de eventos de integração, de forma a trazê-lo mais próximo a este empreendimento que lhe pertence. Mais de três mil produtores participaram das atividades direcionadas a estas iniciativas.

Conforme os dados divulgados na Assembleia, a cooperativa adota a prática da difusão de tecnologia por meio da orientação técnica dos agrônomos no dia-a-dia das propriedades, bem como em eventos técnicos. Em 2018 foram 103 eventos, entre palestras, tours e dias de campos realizados nas localidades onde a Coopermota tem atuação, o que envolveu aproximadamente três mil produtores rurais. Além destes, a Coopershow e os CampoCoopers contaram ainda com um total de participação aproximado de 10 mil pessoas.

No que diz respeito ao fomento dedicado à cultura e ao desenvolvimento das comunidades onde a cooperativa atua, as demonstrações apresentadas totalizam o envolvimento de mais sete mil pessoas em eventos culturais viabilizados por meio de parceria com o Sescop, com iniciativas de teatro, shows, oficinas e projetos variados inclusos no Circuito Sescop de Cultura, Cooperatividade e Cooperjovem.

Quanto aos investimentos, destaca-se a abertura e a adequação de unidades da cooperativa, bem como a ampliação da frota de veículos pesados, a expansão em novos terrenos, a construção de fábrica de ração e a adoção de geração de energia por meio de equipamentos fotovoltaicos.

Em dados contábeis, o relatório dá ênfase ao crescimento da receita da cooperativa e destaca o aumento do uso de fertilizantes por parte dos cooperados em busca do incremento de sua produção, tendo uma maior adesão aos fertilizantes com perfis diferenciados. ■



O superintendente, Hélio Gozzi, apresentou os dados contábeis da cooperativa.



O público presente aplaudiu em pé a homenagem feita ao então diretor secretário Silvio Bellotto, o qual faleceu em outubro de 2018.



Fotos: Bruna Reis

## COOPERJOVEM ASSIS

# EDUCAÇÃO E COOPERAÇÃO NA PRÁTICA

A formação de 2019 contará com a participação de 180 professores das escolas de tempo integral municipal de Assis

Por Bruna Reis

A sala de aula é o espaço cotidiano de cadernetas, cadernos, lousa e giz. Assim são preenchidos os 200 dias letivos ano a ano, mas dessa vez elas e eles foram convidados, por livre adesão, primeiro princípio cooperativista, a mudar de posição para estarem na sala de aula não mais como educadores, mas como educandos. A partir de uma parceria firmada entre o Sescop/SP, as cooperativas Coopermota, Sicoob Credimota, Unimed Assis e Credicana e a Secretaria Municipal de Educação de Assis, quase 200 professores das 10 escolas de tempo integral do município passarão pela formação do Programa Cooperjovem, em 2019.

O programa Cooperjovem é um projeto de educação para a cooperação, desenvolvido pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)

desde 2000. A partir de 2001 foi implantado no estado de São Paulo e tem o objetivo de “despertar nos educadores e educandos uma consciência sobre cooperação, auxiliando na organização e desenvolvimento de projetos nas escolas, através do desenvolvimento de uma metodologia educacional cooperativa e da compreensão do cooperativismo como forma de organização socioeconômica”, conforme definição da OCB.

A Coopermota mantém a parceria na execução do Cooperjovem na região de abrangência da cooperativa desde 2012 e já atendeu mais de 20 escolas nas cidades de Cândido Mota, Palmital, Santa Cruz do Rio Pardo, Presidente Prudente e Paraguaçu Paulista.

O programa possui metodologia própria e é aplicado em três etapas. Na primeira delas

é realizada a formação dos profissionais. As atividades são desenvolvidas em 40 horas, compostas pelas aulas ministradas pelos instrutores do Sescop e o tempo dedicado à elaboração de um Projeto Educativo Cooperativo (PEC). Trata-se de uma ação pensada a ser desenvolvida junto aos alunos das escolas participantes e que deverá ser aplicada nos dois anos seguintes, com acompanhamento do Sescop e das cooperativas parceiras, como parte da segunda e terceira etapas do programa.

Em 2016, um dos PEC desenvolvido na EMEIEF “Vereador Miguel Bueno Vidal”, em Palmital, foi um projeto de incentivo à leitura que se desenvolveu nos espaços mais adequados na escola para a realização da “Hora do conto”. O projeto contava com uma bolsa que os alunos levavam para casa e devolviam na semana seguinte, lendo junto com os pais.

A ação envolveu toda a comunidade escolar, desde a equipe de gestão, professores, alunos e pais, até a comunidade, em uma demonstração de iniciativa cooperativa e colaborativa. O projeto criado em 2016 é mantido até os dias atuais.

As atividades desenvolvidas com os professores de Assis tiveram início em março. Eles terão encontros mensais que se estenderão até setembro. A partir desta etapa, cada grupo deverá apresentar um PEC a ser desenvolvido com acompanhamento do SESCOOP/SP e das cooperativas parceiras pelos dois anos seguintes. É esperado que os projetos se desenvolvam e se mantenham de forma autônoma após o fechamento, assim como ocorreu em Palmital. A formatura contará com alguma apresentação artística, especialmente selecionada pelo núcleo de cultura do Sescop garantindo um dia de trocas, aprendizado e muita alegria.



Os professores são sensibilizados pelo tema da cooperação para a implantação de projetos voltados ao tema

## EXPERIÊNCIA INOVADORA

A Coopermota possui a parceria com o Cooperjovem desde o ano de 2012, quando iniciou a formação na cidade de Cândido Mota. No ano seguinte o projeto se expandiu para Palmital e em 2015, iniciou-se uma turma em Santa Cruz do Rio Pardo. Depois de diversas tentativas e percalços na realização do projeto, foi realizada uma iniciativa inovadora, desta vez na ETEC “Orlando Quagliato”. Diferente do que ocorria até então, a atividade não se dirigia apenas aos professores, mas também aos alunos da escola cooperativa agrícola. O sucesso da ação foi tamanho que para o ano de 2018 foi

formalizada uma parceria entre o SESCOOP/SP e o Centro Paula Souza, responsável pelas ETECs (Escolas Técnicas Estaduais). Naquele ano, as formações do Cooperjovem foram todas oficializadas junto a escolas técnicas agrícolas paulistas e não mais com as secretarias municipais de educação e diretorias regionais de ensino. Nesta iniciativa, a Coopermota foi parceira na formação das ETECs de Cândido Mota, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Paraguaçu Paulista e Quatá. Em 2019, o projeto retomou a sua formação original. ■

# S.P.A. Saúde:

## Segurança para você e seus familiares

O S.P.A. Saúde acaba de superar 20.000 vidas em seus planos. Indique-o aos seus amigos produtores rurais e familiares. É exclusivo, sem finalidade lucrativa e tem tudo para crescer ainda mais.

Ao contrário do que acompanhamos pela imprensa sobre encerramento de planos ou suspensão de vendas para novos usuários em planos de saúde oferecidos no mercado da saúde suplementar, o S.P.A. Saúde, em nenhum momento figurou em situação desconfortável. Pelo contrário. Continua crescendo, recebendo novas vidas e cuidando de cada uma delas de forma diferenciada e atenta. Superar a marca de 20.000 vidas não é uma tarefa simples. Foi alcançada graças ao profissionalismo, qualidade de atendimento médico-hospitalar, solidez financeira e permanente atenção ao bem maior dos produtores rurais e seus familiares: a saúde de cada um deles.

Muitos produtores perderam bens para pagar despesas com saúde

Doenças e imprevistos não escolhem dia nem hora para acontecer. Mas já pegaram muita gente desprevenida. Há inúmeros casos de produtores rurais que precisaram vender bens adquiridos ao longo dos anos de muito trabalho, para poder custear as despesas com cirurgias, internações ou tratamentos complexos.

Todos nós sabemos das dificuldades do atendimento na rede pública. Também sabemos que os custos com saúde são os que mais crescem todos os anos, superando todos os índices de inflação. Nesse sentido, produtor rural é um privilegiado por poder contar com um plano de saúde exclusivo, sem finalidade lucrativa e com ampla rede de recursos credenciados nos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Converse com familiares e amigos. Oriente-os a procurar nossa cooperativa e conhecer as vantagens dos planos de saúde que oferecemos.





ARTIGO EMBRAPA

# SOJA LIDERA COM FOLGA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Amélio Dall'Agnol, pesquisador da Embrapa Soja

As exportações do complexo soja lideram a pauta das exportações do Brasil e nada indica que essa liderança será perdida no curto prazo, visto que a demanda de soja continua aquecida e os preços de mercado são satisfatórios. A área cultivada com a oleaginosa nas principais regiões produtoras do País continua aumentando, um esforço necessário para atender à crescente demanda pelo produto. Proporcionalmente à área cultivada com outros grãos em nível mundial, a de soja tem sido a que mais cresceu no correr das últimas décadas e, mesmo assim, não houve a formação de estoques gigantes, promotores de queda nos preços.

Segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, na safra 2018/19 o Brasil poderá ultrapassar os Estados Unidos (EUA)

na produção de soja (117 milhões de toneladas – Mt contra 116,5 Mt) e assumir a liderança global, que, desde os anos 50, pertence aos EUA. A atual safra americana sinaliza com uma queda de 3,5 Mt sobre a safra anterior (120 Mt), em parte porque houve redução da área cultivada (36,22 milhões de hectares – Mha vs. 35,79 Mha) e também, porque se estimou a produtividade da safra – em pleno processo de colheita – como sendo a média dos últimos cinco anos. Poderá ser maior ou menor, assim como a área poderá ser superior ou inferior. Melhor esperar para comemorar o campeonato, embora seja bastante provável que, caso o Brasil não leve o troféu nesta oportunidade, seguramente o fará na próxima.



Na região, a colheita de soja deve ser concluída na primeira quinzena de abril.

## AS INACEITÁVEIS PERDAS NA COLHEITA DA SOJA

A produção mundial de soja 2018/19 está estimada em 354,5 Mt, sendo que 81,65% desse total se concentra em três países: Brasil (33%), EUA (32,85%) e Argentina (15,8%). Era expectativa dos brasileiros de que, já na safra 2016/17, o Brasil superaria os EUA na produção de soja, dado o quase esgotamento de áreas aptas e disponíveis naquele país, dependendo de trade off entre culturas para aumentar a produção. Essa troca já aconteceu em safras recentes, mas poderá ser ampliada?

Seria compreensível se o produtor brasileiro estiver angustiado com a pressão que a recente sequência de supersafras nos EUA (117 Mt, 120 Mt e 116,5 Mt) e no Brasil (114 Mt, 117 Mt e 117 Mt), respectivamente, em 2016/17, 2017/18 e 2018/19, poderia exercer sobre as cotações mundiais do produto. Contudo, as cotações do mercado para os produtores brasileiros estão muito satisfatórias, em boa medida por causa do câmbio favorável e da briga China vs EUA. Já a realidade não é tão colorida para os produtores americanos.

Com o espetacular crescimento da economia

mundial no correr das últimas décadas (US\$ 12 trilhões em 1980 vs. US\$ 87 trilhões em 2018), a renda per capita das pessoas também aumentou, particularmente dos cidadãos que habitam os países em desenvolvimento – ainda muito carentes de proteínas animais. Com mais dinheiro no bolso, esses cidadãos passaram a consumir menos carboidratos (grãos) e mais proteína animal (carnes, leite e ovos), que têm no farelo de soja sua principal matéria prima.

Embora o óleo não seja a razão principal para cultivar-se a soja, sua produção está, também, sendo requisitada para consumo doméstico e para biodiesel, indicando que a produção da oleaginosa é duplamente estimulada: como alimento humano e animal e como biocombustível.

O Brasil se beneficia do aumento global do consumo de soja e de seus derivados, pois dispõe de muitas áreas aptas e disponíveis para produzir mais soja, clima favorável para produzir o ano todo, tecnologia para explorar zonas tropicais de baixa latitude e água para irrigar, se compensar. ■

Tecnologia e alta  
produtividade,  
plante soja KWS e  
descubra a diferença.

# SOJA KWS

[www.kws-sementes.com.br](http://www.kws-sementes.com.br)

SEMEANDO  
O FUTURO  
DESDE 1856





*candú*

CARNES  
QUALIDADE  
**COOPERMOTA**

—  
EM BREVE:  
CORTE DE CARNES  
COM QUALIDADE,  
SABOR E TRADIÇÃO  
DA **COOPERMOTA**.

 Coopermota